



SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
8ª COORDENADORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO
SANTA MARIA – RS
COLÉGIO ESTADUAL MANOEL RIBAS
ENSINO RELIGIOSO
ATIVIDADE DOMICILIAR – 1º ANO – L
PROFESSOR: Luciano Scheffer



PLANO DE AÇÃO

ATIVIDADES 02 e 03

ATIVIDADE 02: TEMA: O SENTIDO DA VIDA

ATIVIDADE 03: TEMA: A FELICIDADE E O SILÊNCIO INTERIOR

1.1) Objetivos:

O presente trabalho tem por fim auxiliar o aluno a compreender que a existência humana tem um sentido nobre e transcendente, não estando seu sentido e valor associado aos aspectos meramente materiais. Além disso, desenvolver no educando o apreço pelos valores sólidos que tornam a vida humana enriquecedora, fraterna e equilibrada nos aspectos somáticos, emocionais e espirituais. Oferecendo, ainda, conceitos e idéias fundamentais acerca de como certos movimentos filosóficos nos decorrer da História tratavam questões existenciais, busca-se dar subsídios elementares que propiciem no aluno a aspiração por melhor conhecer essas idéias e tomar delas ensinamentos úteis para a vida.

1.2) Justificativa:

A sociedade moderna e, sobretudo, as novas gerações, na medida em que desligadas de aspectos tradicionais de compreensão e valoração existencial, imergem no vazio existencial e na superficialidade de valores e relações. O Ensino Religioso oferece oportunidade não só para reflexões acerca dessa problemática, mas também ensejo para que se trabalhe temas, valores e percepções que favorecerão a compreensão do fenômeno religioso, da significação existencial e do aprimoramento geral da personalidade em prol da solidez, resiliência e equilíbrio e, assim, melhor habilitando o indivíduo para o viver em sociedade com estabilidade, paz interior e atitudes tranqüilas frente aos desafios encontrados.

1.3) Atividades a serem trabalhadas:

- Indicação de vídeos com informações e temáticas complementares.
- Atividades de leitura, interpretação e reflexão sobre textos fornecidos aos alunos e idéias apresentadas nos vídeos sugeridos, complementarmente.

1.4) Data para execução:

Entre a segunda e terceira semanas de abril de 2020.

1.5) Estratégias para o controle de frequência do aluno:

A recepção dos trabalhos executados pelos alunos servirá como controle de frequência.



SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
8ª COORDENADORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO
SANTA MARIA – RS
COLÉGIO ESTADUAL MANOEL RIBAS
ENSINO RELIGIOSO
ATIVIDADE DOMICILIAR – 1º ANO – L
PROFESSOR: Luciano Scheffer



ATIVIDADE 02 (A 01 FOI DISTRIBUÍDA ANTES DA QUARENTENA)
TEMA: O SENTIDO DA VIDA

- I- Assistir ao vídeo: **4 TEORIAS INTERESSANTES SOBRE O SENTIDO DA VIDA**, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gXJ7TYgsSpw> [acesso em 06 de abril de 2020].
- II- Por escrito, enuncie os princípios das três primeiras teorias acerca do sentido da vida apresentadas no vídeo. (Hedonismo, Estoicismo e Existencialismo)
- III- Escolha uma delas e redija uma reflexão tendo por base os princípios da teoria escolhida e como ela pode influenciar para melhor a existência humana.

ATIVIDADE 03

TEMA: A FELICIDADE E O SILÊNCIO INTERIOR

1. Assistir ao vídeo: **A felicidade no mundo moderno / Provocações Filosóficas** disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=phhyouo3dyI> [acesso em 05 de abril de 2020].
2. Assista o vídeo do Prof. Maro Schweder - **O Silêncio Interior...** [acesso em 05 de abril de 2020]. <https://www.youtube.com/watch?v=P-Zp3x5sWvE>
3. A partir das idéias apresentadas nos vídeos, escreva uma reflexão sua acerca do que é a felicidade e qual a forma de alcançá-la.

Textos auxiliares:

<https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/estoicismo>

<https://www.infoescola.com/filosofia/hedonismo/>

<https://www.infoescola.com/filosofia/existencialismo/>

TEXTOS AUXILIARES

Estoicismo.

Por Sérgio Biagi Gregório

Apregoava a vida contemplativa acima das ocupações, das preocupações e das emoções da vida comum. Seu ideal, portanto, é de *ataraxia* ou *apatia*.

Corrente filosófica predominante na Antiguidade clássica durante mais de cinco séculos (300 a.C. - 200 d.C.) e que sobreviveu, de vários modos, na cultura ocidental até aos nossos dias. O nome deriva da *Stoa paikile* (pórtico ornado com as pinturas de Polignoto) de Atenas, local em que Zenão, seu fundador, começou a ensinar. (1)

A doutrina estoica que retém do cinismo a ideia de que a felicidade reside na independência com relação a qualquer circunstância exterior, é uma criação coletiva. O antigo estoicismo tem origem com Zenão de Citium (325 - 264 a.C.), cipriota que veio a Atenas, onde, após ter sido aluno de um filósofo cínico, ensinava sob um pórtico, daí o nome de *estoicismo* ou *Filosofia do pórtico*.

Vivendo em harmonia com a razão, ou seja, com a natureza, o sábio estoico irá encontrar a paz da alma (*ataraxia*) afastando dele tudo o que poderia perturbá-lo, essencialmente as paixões consideradas como movimentos antinaturais, doen-

ças da alma. A verdade - que repousa precisamente na ausência de paixão, ou *apatia* - implica um domínio comum da vontade e do julgamento para aceitar o destino mostrando-se desapegado com relação às coisas e aos homens, como afirmou com presteza os estoicos romanos.

A sabedoria estoica teve uma imensa influência através dos séculos: os temas saídos do estoicismo inspiraram, além de grandes escritores - Montaigne, Corneille, A. de Vigny, Maeterlinck -, filósofos entre os quais Descartes, Kant. Observemos finalmente que a moral estoica teve uma repercussão considerável na ética cristã, inclinando-a, às vezes, no sentido da severidade principalmente em matéria de sexualidade. (2)

Pórtico. Seita filosófica dos estoicos, cujo chefe, Zenão, ensinava debaixo de um pórtico de Atenas. (Do lat. *portico*, fem. Mudou de gênero por causa da terminação). (3)

Estoicismo. Doutrina que aconselha a indiferença e o desprezo pelos males físicos e morais, bem assim a insensibilidade perante as paixões. Para os estoicos, o mais importante é o encontro da tranquilidade espiritual. "O primeiro imperativo ético é viver de acordo com a natureza, isto é, conforme a razão, pois o natural é racional. A felicidade consiste na aceitação do destino e no combate contra as forças da paixão, que produzem intranquilidade. Resignando-se ao destino, o homem resigna-se também à justiça, pois o mundo, sendo racional, é também justo. Mas, apesar da teoria da resignação, muitos estoicos exerceram severa crítica social e política." (4)

(1) ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA. Lisboa: Verbo, [s. d. p.]

(2) DUROZOI, G. e ROUSSEL, A. Dicionário de Filosofia. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1993

(3) GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, [s.d. p.]

(4) EDIPE - ENCICLOPÉDIA DIDÁTICA DE INFORMAÇÃO E PESQUISA EDUCACIONAL. 3. ed. São Paulo: Iracema, 1987.

Hedonismo

Por Felipe Araújo

Derivado da palavra grega *hedonê*, que significa prazer e vontade, o **Hedonismo** é uma filosofia que coloca o prazer como bem supremo da vida humana. Alguns de seus representantes mais antigos são Aristipo de Cirene e Epicuro. A escola filosófica do hedonismo baseia-se em duas concepções de prazer: a primeira toma-o como critério das ações humanas; a segunda considera-o como único valor supremo. Esta divisão reflete a ambiguidade do conceito da palavra, permitindo várias classificações desta doutrina que tem diversas escolas diferentes.

Considerado o pai do hedonismo, Aristipo de Cirene fazia uma distinção entre os dois lados da alma humana. Para ele, existia o movimento suave da alma, que seria o que chamamos de prazer, e o movimento áspero da alma, ou seja, a dor. Aristipo concluiu que, independente de sua forma e origem, o prazer tem sempre o objetivo de diminuir a dor, sendo o único caminho para a conquista da felicidade. O filósofo ainda afirma que o prazer do corpo é o sentido da vida. Esta ideia é defendida por outros hedonistas clássicos como Teodoro de Cirene e Hegesias de Cirene.

Mas a teoria de Aristipo de Cirene foi modificada por Epicuro de Samos. Este afirmava que o verdadeiro prazer não estava na busca da satisfação do corpo, mas sim na libertação do sofrimento, da dor e da agitação. Porém, para se chegar a tal estado de extinção da dor é preciso buscar concentração em necessidades como equilíbrio, serenidade, entre outras, abandonando a busca desenfreada por bens e prazeres corporais, que seriam passageiros.

O hedonismo de Aristipo se diferencia do pregado por Epicuro na avaliação da moral do prazer. O primeiro diz que o prazer é um bem em si, podendo ser usado intensamente. Já Epicuro determina a moderação do prazer no intuito de que se possa chegar à verdadeira felicidade.

Existencialismo

Por Matheus Maia Schmaelter

Existencialismo é um termo utilizado para designar o movimento filosófico e literário que teve início entre diversos pensadores em meados do século XX e que foi majoritariamente representado por filósofos franceses, mas que também foi atribuído a pensadores alemães como Martin Heidegger (1889 – 1976) e Karl Jaspers (1883 – 1969). A criação do termo é comumente atribuída ao filósofo francês Gabriel Marcel (1889 – 1973).

Apesar de ter sua criação datada do final da Segunda Guerra Mundial, costuma-se traçar as raízes do existencialismo até à filosofia e à literatura desenvolvidas por volta da metade

do século XIX. No que diz respeito à sua filosofia, os fundamentos existencialistas são atribuídos, na maioria das vezes, ao filósofo e teólogo dinamarquês Søren Kierkegaard (1813 – 1855) e ao filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844 – 1900). No âmbito literário suas bases são atribuídas ao escritor russo Fiódor Dostoiévski (1821 – 1881).

Mesmo que seja possível ver em alguns manuais de filosofia o termo “doutrina” ser aplicado ao existencialismo, é difícil que se possa considerá-lo dessa maneira. Uma doutrina tende a possuir um fio condutor coerente, o que de modo algum é possível perceber entre os existencialistas. Mesmo o termo “movimento”, utilizado acima, pode ser problemático, tendo em vista que quase todos os que foram reconhecidos como existencialistas negaram que pudessem ser contados como tais. O mais próprio, de fato, seria considerá-lo um “clima de pensamento”. Contudo, são diversos os conceitos comuns que permeiam os escritos dos diferentes autores ditos existencialistas. O absurdo da vida, a angústia diante da liberdade e da morte e o desespero diante de si mesmo são temas frequentemente abordados entre tais pensadores e escritores. Esses temas aparecem com frequência especialmente entre aqueles que experimentaram os horrores das duas Grandes Guerras do século XX, que demonstraram a falha dos ideais de progresso da humanidade através da razão, traçados pela filosofia iluminista. Nesse sentido, o existencialismo é visto como uma oposição à filosofia desenvolvida na idade moderna, especialmente ao idealismo alemão.

Sendo utilizado pela primeira vez por volta dos anos de 1930, o termo existencialismo está diretamente ligado ao termo “existencial”, que foi utilizado filosoficamente pela primeira vez em meados do século XIX. Alguns referem-se a Kierkegaard como o primeiro pensador a utilizar o termo “existência” nesse âmbito. A temática desse filósofo, que coloca na experiência existencial do ser humano o lugar próprio da filosofia, o modo de escrever em aforismos de Nietzsche e a concepção de Heidegger do ser humano como “jogado” no mundo, apresentam algumas das bases metodológicas e conceituais do existencialismo.

Se até o início do século XIX a filosofia se ocupava de questões gerais e abstratas, tendo uma de suas melhores representações na pergunta elaborada pelo alemão Gottfried Wilhelm Leibniz (1646 – 1716) e depois retomada por Heidegger, “porque há o ser e não, antes, o nada?”, com os chamados filósofos da existência a filosofia passa a ser considerada a partir da experiência dos indivíduos no mundo, e encontra seu avanço entre existencialistas como Jean-Paul Sartre (1905 – 1980), talvez o mais conhecido e importante entre eles, que nega que o ser humano possua uma essência que o determine e afirma que tal determinação é dada pela própria experiência existencial de cada um. A frase mais famosa desse filósofo francês é o que define esta concepção: “a existência precede a essência”.

Além daqueles já citados acima, outros filósofos a quem foi atribuída a denominação de existencialista são Albert Camus (1913 – 1960), Simone de Beauvoir (1908 – 1986) e Maurice Merleau-Ponty (1908 – 1961).

Referências:

AUDI, Robert. The Cambridge Dictionary of Philosophy. New York: Cambridge University Press, 1999.

COLLETE, Jacques. Existencialismo. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2013.

SARTRE, Jean-paul. O existencialismo é um humanismo. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.